



## POMAR ALHEIO: TRADUÇÕES DE HAYDÉE NICOLUSSI

Haydée Nicolussi (1905-70), natural de Alfredo Chaves, Espírito Santo, foi a mais importante escritora de sua geração no Estado. Iniciou sua carreira literária em 1926 com sonetos filosóficos em *Vida Capichaba* – revista que circulou de 1923 a 1955. Foi a primeira escritora modernista capixaba, ainda na década de 1920, ao escrever poemas sem rima e métrica, aderindo ao neo-simbolismo de Manoel Bandeira, um dos seus mestres e futuro admirador. Presa pela ditadura varguista, foi companheira de cela de Olga Benário, em 1936, quando já era tradutora e jornalista e residia no Rio de Janeiro. Publicou um único livro de poemas, *Festa na sombra*, em 1943, elogiado por vários críticos literários. Poliglota, era formada em inglês pela Escola Anglo-americana; em francês, pela Aliança Francesa, tendo feito curso de especialização em Civilização Francesa, na Sorbonne, em 1951-52. Falava e lia espanhol, italiano e alemão. Estudou russo, na época de envolvimento com o Partido Comunista. Foi tradutora em toda a sua vida. Deixou inéditos vários livros, inclusive este, *Pomar alheio*, com traduções de autores consagrados, que a *Contexto* reproduz aqui em homenagem ao centenário de nascimento da escritora.

Francisco Aurelio Ribeiro  
*Universidade Federal do Espírito Santo*

## CONFUSÃO

Raul de Leoni

Alma estranha esta que abrigo,  
Esta que o Acaso me deu,  
Tem tantas almas consigo  
Que eu não sei bem quem sou eu.

Jamais na vida consigo  
Ter de mim o que é só meu.  
Para supremo castigo  
Eu sou meu próprio Proteu.

De instante a instante a me olhar,  
Sinto, num pesar profundo,  
A alma a mudar... a mudar...

Parece que estão, assim,  
Todas as almas do Mundo  
Lutando dentro de mim...

## CONFUSION

Quelle âme étrange, la mienne,  
Celle que le Hasard m'a donnée,  
Je doute d'être moi-même  
Par tant des âmes charge.

Ce qui est à moi et que j'aime,  
La Vie me triche à moitié.  
Pour ma souffrance suprême  
Je suis mon propre Protée.

Il me semble – fait étrange! –  
Que mon âme change... et change...  
En me voyant à tout heure.

Je sens – quelle peine profonde! –  
Toutes les âmes du Monde  
En lutte au fond de mon coeur...

## THE APOLOGY

Ralph Waldo Emerson

Think me not unkind or rude,  
That I walk alone in grove and glen.  
I go to the god of the wood  
To fetch his word to men.

Tax not my sloth that I  
Fold my arms beside the brook;  
Each cloud that floated in the sky  
Writes a letter in my book.

Chide me not, laborious band,  
For the idle flowers I brought;  
Every aster in my hand  
Goes home loaded with a thought.

There was never mystery  
But 'tis figured in the flowers;  
Was never secret history  
But birds tell it in the bowers.

One harvest from thy field  
Homeward brought the oxen strong.  
A second crop thy acres yield,  
Which I gather in a song.

## MISSÃO

Não me acuseis de bárbaro, selvagem,  
Solitário dos ermos a vagar.  
Do Deus da natureza uma mensagem  
Para cada um de vós fui procurar.

Não é indolência este quedar cismando,  
Junto às nascentes, braços arriados:  
Cada nuvem no azul do céu vogando  
Deixa rumos no livro meu traçados.

Não desprezeis, colméia laboriosa,  
O aspecto vão das flores recolhidas:  
Em cada escolha desta mão zelosa  
Pesa um fardo de idéias bem sofridas.

Nunca houve mistério algum oculto  
Nem lenda alguma a perdurar secreta:  
Os pássaros nos ramos contam tudo.  
Tudo é símbolo falante em cada pétala.

Forte é a rês que arrastou até o lar  
A safra que os maduros campos dão.  
Também eu já ceifei para vos dar  
De cada novo sonho uma canção.

## L'ÉCHO

Theodore Botrel

Rodant triste et solitaire,  
dans la forêt du mystère.  
j'ai crié le coeur très las:  
"La vie est triste ici-bas..."

Et puis, d'une voix touchante:  
"Écho! La vie est méchante!"  
L'écho m'a répondu: – Bah!  
L'écho m'a répondu: – Chante!

"Écho! Écho! des grands bois,  
lourde, trop lourde est ma croix!"  
L'écho m'a répondu: – Crois!

"La haine en moi va germer.  
Dois-je rire ou blasphemer?"  
L'écho m'a répondu: – Aimer!

Comme l'écho des grands bois  
m'a conseillé de le faire,  
j'aime, je chante, je crois,  
et je suis heureux sur terre!

## O ECO

Na selva do Mistério a errar,  
só, sem ninguém, a tropeçar,  
gritei, vendo fugirem as horas:  
“A vida é má... Tudo piora!”  
E o eco respondeu-me: ...ORA!

“Resignar-me... com tanta  
frustração?... Nada me encanta...”  
E o eco respondeu-me: ...CANTA!

“Cantar! Quem me escuta, ou vê  
a cruz que eu levo, e em mim crê?!”  
E o eco respondeu-me: ...CRÊ!

“Crer, já com o ódio a germinar?  
Devo eu me rir ou reclamar?!”  
E o eco respondeu-me: ...AMAR!

E foi assim de ouvir tanto  
o eco repetir o que se diz,  
que eu hoje creio, amo e canto  
para ver se sou feliz.



## THE WIND

Christina Georgina Rossetti

Who has seen the wind?  
Neither I nor you;  
But when the leaves hang trembling,  
The wind is passing through.

Who has seen the wind?  
Neither you nor I;  
But when the trees bow their heads,  
The wind is passing by.

O Wind, why do you never rest,  
Wandering, whistling, to and fro,  
Bringing rain, out of the west,  
From the dim north bringing snow?

## O VENTO

Quem, por acaso, já viu o vento?  
Jamais, ninguém.  
Porém, se as folhas tremem sem cessar,  
O vento entre elas passando vem.

Quem, por acaso, já viu o vento?  
Ninguém, jamais.  
Porém, se as árvores as frondes vergam,  
Um pé de vento soprou demais.

Por que esta sina, vento vira-mundo,  
Esse eterno vaivém, ao norte, ao sul?  
Por que é mais lenta a chuva, a bruma, a neve,  
E é tão breve, no céu, um pôr de sol?

## SONG

Christina Georgina Rossetti

When I am dead, my dearest,  
Sing no sad songs for me;  
Plant thou no roses at my head,  
Nor shady cypress tree;  
Be the green grass above me  
With showers and dewdrops wet;  
And if thou wilt, remember,  
And if thou wilt, forget –  
I shall not see the shadows,  
I shall not feel the rain;  
I shall not hear the nightingale  
Sing on, as if in pain:  
And dreaming through the twilight  
That doth not rise nor set,  
Haply I may remember,  
And haply may forget.

## CANÇÃO

Quando a morte me levar, amor,  
Canções doridas não cantes.  
Nem rosas no meu jazigo  
Ou escuros ciprestes plantes.  
Que não peses mais que o musgo  
Em minha campa orvalhada.  
Chorar de saudade, às vezes.  
Ou não lembrar mais de nada.  
É triste não mais ver as sombras  
Nem sentir a chuva chovendo.  
Ou nunca mais poder ouvir  
O rouxinol gemendo.  
Transpondo o horizonte em transe,  
Sem ver o sol nascer ou morrer,  
Possa eu ainda ter memória,  
Ou de vez tudo esquecer.

## REQUIESCAT

Oscar Wilde

Tread lightly, she is near  
Under the snow.  
Speak gently, she can hear  
The daisies grow.

All her bright golden hair  
Tarnished with rust,  
She that was so young and fair  
Fallen to dust.

Lily-like, white as snow,  
She hardly knew  
She was a woman, so  
Sweetly she grew.

Coffin board, heavy stone  
Lie on her breast.  
I wax my heart alone.  
She is at rest.

Peace, peace, she cannot hear  
Lyre or sonnet.  
All my life's is buried here.  
Heap earth upon it.

## REQUIESCAT

Pisa de manso, ela está por aqui,  
Sob a neve escondida.  
Fala baixinho, ela pode até ouvir  
Brotarem as margaridas.

Aquela dourada cabeleira radiosa  
A ferrugem manchou.  
A que era tão linda e vigorosa  
O pó derrubou.

A que parecia um lírio, cândida como a neve,  
Pois mal percebia  
Que nascera mulher, tão de leve  
Crescia.

Hoje tem sobre o peito, pesando,  
Tábuas de um ataúde, dura lousa.  
Ai do meu coração, tão sozinho, penando,  
Enquanto ela repousa.

Silêncio, silêncio, que ela sequer escute  
Um soneto ou uma rima.  
Toda a minha vida aqui jaz sepulta.  
Amontoai terra por cima.

## L'IDEAL

Sully Prud'homme

La lune est grande, le ciel clair,  
Et pleine d'astres la terre est blême,  
Et l'âme du monde est dans l'air.  
Il rêve à l'étoile suprême.

À celle qu'on n'aperçoit pas,  
Mais dont la lumière Voyage,  
Et doit venir jusqu'ici bas  
Enchanter les yeux d'un autre âge.

Quand luira cette étoile un jour,  
La plus belle et la plus lointaine,  
Dites-lui qu'elle eût mon amour,  
O derniers de la race humaine.

## O IDEAL

Sob o céu claro e a imensa lua, a terra  
tem tantos astros a empalidecê-la,  
que a alma do mundo pelo cosmos erra.  
Sonha, talvez, com a mais alta estrela.

A que de longe vem, tão devagar,  
que sua luz ninguém consegue ver,  
mas há de, um dia, os olhos deslumbrar  
das gerações que estão para nascer.

Quando luzir, com todo o esplendor,  
essa longínqua luz, tão sobre-humana,  
foi seu – dizei-lhe! – inteiro o meu amor,  
ó derradeiros da espécie humana.



